

O JARDIM DO ÉDEN E O TEMPLO: O ENCONTRO ENTRE DEUS E A HUMANIDADE

Maria Eduarda Silva Rosendo¹
Faculdade Assembleiana do Brasil

Lázara Divina Coelho²
ORCID – <https://orcid.org/0009-0002-9253-2647>
LATTES – Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7125723542812371>
Faculdade Assembleiana do Brasil

RESUMO

O artigo traz os resultados alcançados pela pesquisa na segunda etapa do Projeto de Ensino em Meio Ambiente da Fasseb. O objeto de estudo é a abordagem de Gregory K. Beale sobre a presença dos jardins na Bíblia. Por ser assim, a investigação concentra-se na obra germinal de Gregory K. Beale (2021), "O templo e a missão da Igreja" e no lançamento temático paralelo, "Deus mora entre nós", de Beale e Mitchell Kim (2019). A investigação toma o jardim do Éden o lugar da morada ou do convívio de Deus com o primeiro homem (Adão), como o referencial bíblico de jardim que seria expandido sobre toda a terra a fim de refletir a presença gloriosa do Criador. Os resultados dessa etapa da pesquisa, são: a missão de Adão foi passada, após a Queda, aos patriarcas na perspectiva da construção de pequenos santuários chamados altares, indicando que o santuário da presença de Deus continua a se espalhar depois do Éden;

¹ Graduanda em Teologia pela Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB), com início em 2023. Desenvolve interesse nas áreas de Teologia e estudos bíblicos. E-mail: mariaeduardasrosendo@gmail.com.

² Doutora e mestre em Ciências da Religião (PUC-GO), e mestre em Teologia (CPAJ/UPM-SP); teóloga (SPBC-GO/UPM-SP) e comunicadora social (UFG-GO); especialista em Educação a Distância (FacSENAC/GO) e Ensino Religioso (UniEVANGÉLICA/GO). Desenvolve pesquisas nas áreas de Meio Ambiente, Comunicação, Teologia, Hermenêutica e campos interdisciplinares correlatos. E-mail: lazaracoelho@gmail.com.

nesse sentido, Deus manda construir o Tabernáculo, o Eden remixado na medida em que carrega uma série de semelhanças com aquele jardim do pós-Queda; essas semelhanças são vistas na construção organizada em três partes principais (Santo dos Santos, Lugar Santo e Pátio Externo), nas quais encontram-se elementos do Éden (o querubim angelical, as luzes do céu, a árvore da vida, o mundo habitado etc.), representando a morada celestial que, desde a Queda, encontra-se oculta ao homem, ainda que no meio dos homens. O jardim do Éden, prefigurando a morada de Deus entre os homens, fez-se representado nos pequenos altares ao Deus Altíssimo, no Tabernáculo, no templo de Jerusalém e, finalmente, no Templo perfeito, o Senhor Jesus Cristo.

Palavras-chave: jardim do Éden; altar; tabernáculo; templo de Jerusalém; cidade santa.

ABSTRACT

The article presents the results achieved by research in the second stage of the Fasseb Environmental Education Project. The object of study is Gregory K. Beale's approach to the presence of gardens in the Bible. Thus, the investigation focuses on Gregory K. Beale's seminal work, *The Temple and the Church's Mission* (2021), and on the thematically related book *God Dwells Among Us*, authored by Beale in partnership with Mitchell Kim (2019). The research takes the Garden of Eden—the place of God's dwelling or fellowship with the first man (Adam)—as the biblical reference for the garden, which was meant to be expanded over the entire earth to reflect the glorious presence of the Creator. The results of this stage of the research are as follows: Adam's mission and duty were passed on, after the Fall, to the patriarchs through the construction of small sanctuaries called altars, indicating that the sanctuary of God's presence continued to spread after Eden; in this sense, God commands the construction of the Tabernacle—a "remixed" Eden insofar as it carries a series of similarities with that post-Fall garden; these similarities are seen in the construction organized into three main parts (the Holy of Holies, the Holy Place, and the Outer Court), within which elements of Eden are found (the angelic cherub, the lights of the heavens, the tree of life, the inhabited world, etc.), representing the heavenly dwelling that, since the Fall, has been hidden from humanity, though still present among men. The Garden of Eden, prefiguring

God's dwelling among humanity, was represented in the small altars to the Most High God, in the Tabernacle, in the temple in Jerusalem, and ultimately in the perfect Temple, the Lord Jesus Christ.

Keywords: Garden of Eden; altar; tabernacle; temple of Jerusalem; holy city.

RESUMEN

El artículo presenta los resultados alcanzados por la investigación en la segunda etapa del Proyecto de Educación Ambiental Fasseb. El objeto de estudio es el enfoque de Gregory K. Beale sobre la presencia de los jardines en la Biblia. De este modo, la investigación se centra en la obra seminal de Gregory K. Beale, *El templo y la misión de la Iglesia* (2021), y en la obra temática relacionada, *Dios mora entre nosotros*, escrita por el mismo Beale en colaboración con Mitchell Kim (2019). La investigación toma como referencia bíblica el jardín del Edén –el lugar de la morada o convivencia de Dios con el primer hombre (Adán)–, el cual debía expandirse por toda la tierra para reflejar la presencia gloriosa del Creador. Los resultados de esta etapa de la investigación son los siguientes: la misión y el deber de Adán fueron transmitidos, tras la Caída, a los patriarcas mediante la construcción de pequeños santuarios llamados altares, indicando que el santuario de la presencia de Dios continuó expandiéndose después del Edén; en este sentido, Dios ordena la construcción del Tabernáculo, una especie de “Edén remasterizado” en la medida en que conserva una serie de similitudes con aquel jardín posterior a la Caída; estas similitudes se observan en aquella construcción organizada en tres partes principales (el Lugar Santísimo, el Lugar Santo y el Atrio Exterior), donde se encuentran elementos del Edén (el querubín angelical, las luces del cielo, el árbol de la vida, el mundo habitado, etc.), representando la morada celestial que, desde la Caída, permanece oculta para la humanidad, aunque sigue presente en medio de los hombres. El jardín del Edén, prefigurando la morada de Dios entre los hombres, se representó en los pequeños altares al Dios Altísimo, en el Tabernáculo, en el templo de Jerusalén y, finalmente, en el Templo perfecto, el Señor Jesucristo.

Palabras clave: jardín del Edén; altar; tabernáculo; templo de Jerusalén; ciudad santa.

1 INTRODUÇÃO

O Éden tinha sementes da nova criação, mas todas aquelas sementes irromperão no novo céu e na nova terra (Nancy Guthrie).

O objeto deste artigo³ é o jardim do Éden. Há uma variedade de jardins encontrados na Bíblia, porém o jardim plantado pelo próprio Senhor Deus no âmbito da criação do universo tem, aqui, precedência sobre os demais. Pretende-se, com a pesquisa que se registra, demonstrar que o jardim do Éden é o primeiro jardim, além de ser o primeiro santuário no qual a criatura e seu Criador se encontravam.

Sua descrição encontra-se em Gênesis, o livro da geração ou das origens, indicando que é onde se encontra o registro da origem de todas as coisas; a autoria desse livro é atribuída ao profeta Moisés (ca. séc. XV a. C.) e compõe o conjunto de livros que constituem o Pentateuco. Segundo Kidner (1981, p. 13), "Das obras procedentes do antigo Oriente Próximo que conhecemos, nenhuma é, nem de longe, comparável, em escopo, ao livro de Gênesis, para não mencionar qualidades menos mensuráveis."

Apesar de se falar muito no jardim do Éden bíblico, o senso comum no meio eclesástico e até certo ponto, no meio acadêmico-teológico, é que se trata de um lugar de beleza extraordinária, pureza ambiental, estética inigualável onde figuram plantas e pedras pluriformes e multicoloridas, montes altaneiros e águas bem cristalinas.

Porém, pouca coisa pode ser encontrada, na pesquisa disponível, sobre a referida estética; em Beale (2018; 2019; 2021), por exemplo, há o traçado de alguns

³ Este artigo resulta do Projeto de Pesquisa em Meio Ambiente da Faculdade Assembleiana do Brasil, desenvolvido em 2024, no âmbito dos cursos de Direito, Psicologia e Teologia.

paralelos conceituais e linguísticos que podem ajudar nessa percepção, mas ainda incipiente; ele identifica, por exemplo, candelabros em forma arbórea, pedras preciosas, montes e até a primeira fonte de água etc. no tabernáculo e no templo de Israel.

Pesquisas mais recentes indicam que há, também, profundidade espiritual e ambiente de contato primário do Criador com o homem, sua principal criação (Groningen, 2002; Walton, 2016). Sobre essa relação, Aalders (*apud* Groningen, 2002, v. 1, p. 71) afirma: "O ser humano é a mais importante de todas as criaturas que saíram das mãos de Deus", isto é, o homem tem mais peso e valor do que todas as criaturas de Deus! E é nessa perspectiva que Deus plantou no Éden o primeiro jardim e deu ao homem uma morada⁴ digna, um lugar de descanso e de comunhão consigo. A questão que se levanta, portanto, é: o banimento do casal real do jardim de Deus teria excluído eternamente a humanidade do santuário, do lugar da comunhão com o Senhor Deus?

Para responder a esse questionamento, alicerça-se em teólogos importantes da teologia bíblica, especificamente em G. K. Beale (2021), no livro *O templo e a missão da igreja: uma teologia bíblica sobre o lugar da habitação de Deus* e no lançamento temático paralelo *Deus mora entre nós: a expansão do Éden para os confins da terra* (2019), do mesmo autor em parceria com Mitchell Kim (2019). Outros autores são consultados em uma pesquisa qualitativa que pretende demonstrar a impossibilidade da frustração do plano de Deus de fazer-se encontrado pelo homem, tais como Groningen (2002, v. 1), Guthrie (2020), Hamilton Jr. (1991), Kidner (1981), Krauss e Küchler (2007) e Walton (2016).

⁴ Santos (2014, p. 51), por outro lado, afirma que o jardim do Éden "não foi idealizado para ser o habitat do ser humano. [...] O habitat do ser humano extrapolava os limites do jardim, indo eventualmente até os confins da terra."

Em relação ao texto bíblico utilizado, a opção é pela Nova Almeida Atualizada (NAA, 2010). Quanto ao roteiro do artigo, será apresentado em três partes: o jardim do Éden como santuário, as quatro cenas do jardim do Éden, e o jardim do Éden e os santuários posteriores.

2 O JARDIM DO ÉDEN COMO SANTUÁRIO

O primeiro jardim que se tem notícia foi plantado pelo Senhor Deus no Éden (Gn 2.8, 10), uma “planície entre os rios Tigre e Eufrates, perto do topo do Golfo Pérsico”⁵. Era uma área muito fértil “e um lugar de deleite e prazer”, referida pelos profetas como “o jardim do Senhor” (Is 51.3) e “o jardim de Deus” (Ez 28.13); um bosque exuberante e arborizado. No hebraico a palavra Éden recorda delícia e a palavra jardim configura “uma vida agradável e prazerosa” (Groningen, 2002, v. 1, p. 95; Krauss; Küchler, 2007, p. 83; Walton *et al.*, 2003, p. 29).

A transição desse jardim físico para o jardim santuário no pensamento teológico atual é explicada de maneira diversa. Walton (2016, p. 109-110), em *O mundo perdido de Adão e Eva*, afirma que o jardim do Éden, quando considerado em seu contexto antigo, “é mais um *espaço sagrado* do que um *espaço verde*”. Ele usa, para justificar sua afirmação, o paralelo cultural:

A descrição textual apresenta rios que trazem fertilidade e um arvoredo variado. Esse ambiente semelhante ao de um parque é bem conhecido no mundo antigo. O tema de rios fluentes (comumente, quatro rios) é geralmente conectado ao espaço sagrado. O mesmo pode ser visto em Ezequiel 47, e existem alusões nos Salmos e nos Profetas.

Jardins eram construídos adjacentes ao espaço sagrado como evidência da fertilidade que resulta da presença de Deus. Eles não

⁵ Krauss e Küchler (2007, p. 88-89) trazem um pequeno inventário sobre as localizações possíveis do jardim do Éden segundo pensadores cristãos das Idades Média, Moderna e Contemporânea.

eram jardins vegetais ou campos de plantações; eles eram parques com um belo paisagismo. Eles forneciam frutos que eram oferecidos ao deus. Reis também construíam jardins adjacentes a seus palácios, onde recebiam (e impressionavam) seus visitantes.

E conclui: "Assim, podemos entender que o texto de Gênesis é a descrição de um jardim – um parque ajardinado, com árvores exóticas e vida selvagem. Esses eram adornos comuns dos templos e palácios no mundo antigo".

Para ele (2016, p. 110), o jardim do Éden é o centro do cosmo como espaço sagrado. Ali o casal real é colocado, pois ali é o local da adoração, do encontro com o Criador. Portanto, "Se o Éden é o centro do espaço sagrado, ele carrega alguma semelhança com o santo dos santos no tabernáculo/templo."

Beale (2021, p. 66; cf. p. 66-80), em seu livro *O templo e a missão da igreja*, defende a tese segundo a qual "o jardim do Éden foi o primeiro templo arquetípico, onde o primeiro homem adorava a Deus."⁶ Para comprovar isso, traz um conjunto de semelhanças que expõem o quanto o Éden é semelhante a um templo e o faz por meio de argumentos, tais como o religioso, o gramatical, o arquetípico, o cultural, o paralelo entre o jardim do Éden com os templos do Antigo Testamento, o escatológico de Ezequiel e o de Apocalipse etc.

Ele conclui (2021, p. 80-81): "O efeito cumulativo dos paralelos [...] entre o jardim de Gênesis 2, o Tabernáculo e o Templo de Israel indica que o Éden foi o primeiro templo arquetípico⁷, em que se basearam os templos de Israel." Apresenta, então, um argumento que considera cabal: "o texto de Ezequiel 28 explicitamente chama o Éden de primeiro santuário, o que confirma que o Éden é descrito como um templo porque foi o primeiro templo, apesar de ser um

⁶ Santos (2014, p. 51) concorda: o jardim do Éden foi idealizado para ser "o local de encontro onde criatura e Criador desfrutariam de um interminável relacionamento de amor e conhecimento que seria a fonte inspiradora para o domínio esperado."

⁷ Santos (2014, p. 50-51), em linguagem mais contemporânea, chama o jardim idealizado por Deus para receber o primeiro casal de "a primeira igreja".

'templo-jardim'". E mais, afirma ele: "O judaísmo primitivo confirma essa identificação." Ele acredita, inclusive, que seja possível que até mesmo os templos semelhantes do AOP tenham a mesma origem.

E em um novo texto escrito em parceria com Kim, Beale (2014, p. IX) reitera a tese em questão com uma implicação: em "Gênesis 1-2 o Éden é a morada de Deus e Deus encarrega Adão e Eva de expandir os limites dessa morada para encher a terra (Gn 1.28)" e "Apocalipse 21-22 cumpre a missão dada em Gênesis 1-2 [enchendo toda a terra da presença de Deus]".

Outros autores também defendem esta tese. Walton (2016, p. 110) cita, dentre outros, Elizabeth Bloch-Smith, que se refere ao templo como um "jardim do Éden virtual"; Victor Hurowitz, o qual afirma que "As decorações no templo e sua distribuição eram significativas e lógicas" e que parece "que o templo não era apenas a residência de lahweh, mas um jardim divino na terra"; cita, também, outras interpretações externas à Bíblia, como o livro de *Jubileus* (séc. II a. C.) e o autor cristão Efrén (séc. IV d. C.).

3 A DESCRIÇÃO DO JARDIM DO ÉDEN

O jardim do Éden é apresentado na segunda narrativa da criação em quatro cenas (Gn 2.4-24). Esta perícopes pode ser a continuação do relato do sexto dia da criação (Gn 1.24-30), conforme indica o detalhamento da formação do homem (2.7; cp. 1.27) (Walton, 2016). Nas palavras de Krauss e Küchler (2007, p. 81), a narrativa que sucede o primeiro relato (2.4b-8) "não pretende estabelecer nenhum novo início temporal, mas sim elucidar, com mais detalhes, a criação do ser humano".

Nessa elucidação, são detalhadas tanto a formação do homem (2.7) como a do seu *habitat* (2.8ss). O episódio específico do jardim do Éden é

apresentado em quatro cenas no livro de Gênesis (2-3). Coelho (2025) delimita-as da seguinte forma: em 2.8-17 há o registro de sua criação; em 3.1-6, o registro do jardim como palco de um evento catastrófico em caráter seminal; em 3.7-21, o registro da consequência imediata da desobediência humana; e, em Gênesis 3.22-24, o registro da virada épica na trajetória do homem com sua expulsão dali.

Essas cenas são apresentadas, em ordem, segundo seu conteúdo principal: dia do plantio do jardim, dia da queda dos vice-regentes, dia da confrontação e dia do despejo.

3.1 O DIA DO PLANTIO

O plantio do jardim do Éden⁸ aconteceu imediatamente após a formação do homem (cf. Gn 2.7-8), pois foi plantado para ser seu *habitat* paradisíaco⁹ (cf. 3.23, LXX). O relato bíblico informa que Deus plantou um jardim e nele colocou o homem que havia formado. Diferente do versículo 7 que retrata Deus como um oleiro, o versículo 8 retrata-o como um plantador, um horticultor, pois é aquele que plantou um jardim no Éden (Hamilton Jr., 1991).

Segundo Groningen (2002, v. 1, p. 95), o pensamento básico que subsidia o verbo plantar, usado por Moisés para descrever a atividade do Criador, "é o de colocar pequenas árvores ou plantas no solo, as quais cresceriam e, então, se tornariam plantas grandes e maduras." O fruto de todas as árvores ali plantadas poderia ser comido, exceto o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.16-17).

Naquele dia Deus plantou um jardim como a provisão divina de um local ímpar e específico para o homem e a mulher habitarem; um local de onde

⁸ Há três referências em Gênesis que distinguem o jardim e o Éden, como lugar onde foi plantado: Gênesis 2.8, 2.20 e 4.16. As demais referências em Gênesis (2.15; 3.23-24) trazem jardim do Éden.

⁹ A ideia de paraíso primitivo era conhecida na literatura antiga (ver detalhes em Hamilton Jr., p. 161; Walton, 2016, p. 109-119).

procederia a influência de Adão e Eva, o casal real, instituídos por Deus como vice-regentes da Criação. A justificativa e, ao mesmo tempo, a implicação desse plantio, é que Deus tinha um plano e que suas intenções foram executadas quando preparou o jardim no lugar chamado Éden (Groningen, 2002, v. 1).

3.2 O DIA DA QUEDA DOS VICE-REGENTES

A queda dos vice-regentes da Criação aconteceu quando a tentação empreendida por Satanás por meio da serpente¹⁰ (3.1-7; cf. Rm 16.20; Ap 12.9; 20.2) alcançou sucesso. Consta que a serpente, sagaz, enganou os vice-regentes da Criação com argumentos que lhes foram aceitáveis.

Para descrever essa atividade de Satanás (Gn 3.1-6), o autor do livro acolhe um diálogo ocorrido entre a mulher e a própria serpente. Segundo Kidner (1981, p. 63), o diálogo ocorre com uma sugestão (Gn 3.1b) e, só depois, com o uso de argumentos (v. 2-5), que constam da imposição da palavra da serpente ("certamente não morrerás", v. 4) contra a palavra de Deus ("certamente morrerás", 2.17) e da pregação de uma grande mentira ("Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal", v. 5).

Coelho (2025, p. 15) explica que, naquele dia, o "jardim do descanso e dos encontros reais com o Criador foi olvidado em favor de outro tipo de experiência, percebida sensorialmente ('árvore boa para comer, agradável aos olhos e desejável para dar entendimento', v. 6)". A criatura entrara em rebelião contra seu Criador e a semente dessa rebelião seria perpetuada na e através da humanidade até que houvesse um resgate!

¹⁰ A serpente tinha um amplo simbolismo no Antigo Oriente Próximo (AOP) (ver detalhes em Walton, 2016, p. 122-132).

3.3 O DIA DA CONFRONTAÇÃO

As primeiras consequências da rebelião vieram imediatamente. A serpente mentira e a palavra de Deus prevaleceu levando os vice-regentes da Criação à morte. Nas palavras de Moisés (3.7), "Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais".

Naquele dia a sentença de morte física, espiritual e eterna ou segunda morte, prevista em 2.17, entrou em vigor. Em outras palavras, o homem agora estava sob a ira de Deus contra o seu pecado. Groningen (2002, p. 140-141) explica que "a morte representava graus de separação da fonte da vida e das bênçãos enriquecedoras; a morte representava eventualmente a separação final e total de Deus Yahweh. Esta morte, i. e., a separação e sua destruição resultante, é a sentença que Deus Yahweh, o Senhor soberano, pronunciou como Juiz."

Contudo, afirma o autor (2002, p. 141), essa sentença de julgamento não recairia apenas sobre o homem; seria, também, sobre todo o cosmos e seus habitantes "até que a pena completa exigida para a remoção do julgamento fosse paga." A implicação disse se estende para outros males ao homem e à mulher (sofrimento e dor em todos os sentidos) e a toda a criação.

3.4 O DIA DO BANIMENTO

À morte em todas as suas formas e ao sofrimento e dor em todos os sentidos, acrescentou Deus o banimento do homem do jardim que lhe plantara ("Deus pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida", 3.24). Kidner (1981, p. 69) entende que esse banimento se deu por decreto e que poderia "ser expresso também como sendo de necessidade lógica, visto que a vida eterna é a comunhão com Deus (Jo 17.3)", que o homem acabara de repudiar.

Moisés descreve essa última cena afirmando que o banimento teve uma causa lógica e confirmando sua necessidade ao considerar o perigo de o homem tomar do fruto da árvore da vida e o comer e, assim, passar a viver para sempre em sua morte ou separação de Deus: "ora, para que [o homem] não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente, o Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden" (Gn 3.22).

Naquele dia o homem foi banido do jardim. Krauss e Küchler (2007, p. 127) lembram que, de certa forma, isso se deu em dois níveis: em Gênesis 3.23 ocorreu a revogação das condições de trabalho como jardineiro (cf. 2.15c) e sua substituição por uma nova condição, a de lavrador da "terra de que fora tomado" em condições dificultosas (cf. 3.17-19a); e, em 3.24, a revogação de seu assentamento no jardim (cf. 2.15a, b) acentuando "o aspecto dramático de certa violência em relação ao visivelmente contrariado casal humano" e impossibilitando seu retorno por meio de querubins e uma espada flamejante envolvendo-se ao redor "para guardar o caminho da árvore da vida" (3.24).

4 O JARDIM DO ÉDEN E OS SANTUÁRIOS POSTERIORES

A última cena do episódio do jardim do Éden, em Gênesis 2.8-3.24, é o registro de virada épica na trajetória do homem (3.22-24). Beale (2021) e Beale e Kim (2019) argumentam em favor de uma continuidade daquele santuário em santuários feitos por mãos humanas até o último santuário, na segunda criação (Ap 21.1-22.5).

A partir do banimento do homem o santuário primevo lhe estaria vedado e ele passaria a buscar o relacionamento com o Criador em ofertas e santuários "feitos por mãos humanas", que, nas palavras do apóstolo Paulo (At 7.44-47), nunca poderiam ser uma morada permanente para Deus.

Desde então, isto é, desde o banimento do homem daquele santuário, o Criador passou a fazer visível nas linhas da história seu plano eterno de salvação, isto é, de restauração da humanidade caída. O pecado, que havia entrado através do homem provocando sua queda do estado original e seu consequente banimento do primeiro santuário com efeito em e sobre toda a raça humana, tornara o homem incapaz de prosseguir no compromisso pré-queda com o Criador.

Então sua missão e dever passaram a ser orientados pelo Criador ainda que em santuários “feitos por mãos humanas”, sombras do verdadeiro santuário. Assim, os patriarcas listados no livro de Gênesis construíram altares informais demarcando o lugar como sagrado (Abel, em 4.3-5a; Noé, em 8.20-21; Abraão, em 12.7-8; 13.4, 18; 14.20; 15.9; 21.33; 22.9; Isaque, em 26.25; e Jacó, em Gn 28.18-22), estendendo os lugares de adoração a Deus no pós-jardim do Éden e apontando para um santuário maior e, escatologicamente, para o verdadeiro santuário.

Na sequência dos acontecimentos, o povo de Israel, como descendência do primeiro casal, entra no processo de êxodo do Egito para a terra de Canaã. É quando Moisés, inspirado pelo Espírito de Deus, pronuncia a esclarecedora promessa de que o Senhor caminharia entre ou com o seu povo na longa caminhada para a terra da promessa (Êx 33.1-2; Lv 26.12) e lhe ordena que mantenha o arraial daquele povo limpo, pois Deus marcharia no meio do acampamento (Dt 23.1ss; 23.14) tal como passeava no jardim do Éden, a sua morada, o seu templo (Dt 23.14; cf. Gn 3.8).

Assim como o santuário primevo, e ainda que qualitativamente distante daquele, os altares informais dos patriarcas apontavam para um santuário maior que seria, posteriormente, construído no formato de tabernáculo ou santuário portátil (cf. Êx 25.8-9; 35.8-39.43, na peregrinação no deserto) e de templo (1 Rs 6.1ss; 2 Cr 3.1ss; cf. Gn 22.2, 9, na terra prometida, em Jerusalém)... todos apontando para Cristo, a igreja e a cidade-templo mundial.

A constância da presença do Senhor no seu jardim, que, como santuário, se expande por toda a terra através dos altares, tabernáculo e templo, é indicada de forma mais direta pelo profeta Ezequiel (28.13a; 14c) quando faz referência ao Éden como “jardim de Deus... o monte santo de Deus”, que contém santuários.

O tabernáculo ou santuário portátil foi construído mediante a direção de Deus pelo profeta Moisés logo após a saída do Egito; foi o santuário do povo de Israel pelos 40 anos de peregrinação no deserto e por um período de mais de 400 anos depois da conquista de Canaã (Cook, 2022).

É o jardim do Éden remixado, uma vez que apresenta uma série de semelhanças com aquele santuário. Era formado com três partes principais que, singularmente, representavam um elemento do cosmo (Criação) visto pela primeira vez no jardim (Beale, 2021): (1) Santo dos Santos: lugar símbolo da presença de Deus com sua hoste celeste numa dimensão oculta aos olhos humanos. Esta parte central do tabernáculo traz elementos que representam a dimensão celestial do cosmo onde Deus mora, tais como a arca da aliança, os querubins bordados na cortina que separa a arca da aliança etc., representando, juntos, o trono e o reino de Deus estabelecidos eternamente acima da Criação.

(2) Lugar Santo: lugar símbolo do céu visível e suas fontes de luz. Esta parte do tabernáculo, fora do Santo dos Santos, traz elementos que representam a glória de Deus, tais como o candelabro, refletindo a presença de Deus fora do Santo dos Santos; a mesa dos pães, apontando para a busca de Deus por associação com seu povo; e o altar do incenso, indicando que Deus concede ao homem o encontro consigo por meio da oração. A imagem do candelabro, dos pães e do altar do incenso, juntos no Lugar Santo, apontam para a presença de Deus.

E, finalmente, o (3) Pátio Externo: lugar símbolo do mundo habitável onde vivia a humanidade. Esta parte do tabernáculo, fora do Santo dos Santos (trono e

reino de Deus) e do Lugar Santo (presença de Deus), traz elementos que representam a providência de Deus para trazer a humanidade de volta para Deus: o altar do holocausto e a bacia da purificação.

Isso se repete na construção do templo que, de igual forma, segue o modelo do tabernáculo e sua divisão tripartite: Santo dos Santos, Lugar Santo e Páteo Externo. Esse templo, ou primeiro templo¹¹, foi construído no séc. X a.C. (2 Cr 3.1) no Monte Moriá, o mesmo lugar do altar de Abraão (Gn 22.2, 9), indicado posteriormente por meio do profeta Gade, e onde Davi erigiu um altar ao Senhor (2 Sm 24.18-19; cf. 2 Cr 3.3, 8) e comprou para a futura construção do templo (1 Cr 21.18-22.6, esp. 22.1) (Cook, 2022).

Enfim, as três partes principais do santuário de Deus (tabernáculo/templo) – Santo dos Santos, Lugar Santo e Páteo Externo – representavam elementos importantes do cosmo como um verdadeiro remix do jardim do Éden. A partir daí, Beale (2021) e Beale e Kim (2019) estabelecem a relação entre o tabernáculo e o templo e entre o tabernáculo e o cosmo. Nesse paralelo, reconhecem que o remix aconteceu em um contexto de pecado, de modo que o trono de Deus e seu reinado são estabelecidos no Santo dos Santos pela submissão contínua à Palavra de Deus; que os sacerdotes do Lugar Santo onde a glória de Deus é espelhada refletem a oferta das bênçãos dessa presença a ocorrerem mediante o culto a Deus dado pela comunidade em comunhão com ele; e que a comunidade pecadora só pode estar na presença de Deus oferecendo um culto aceitável por

¹¹ O primeiro templo (templo de Salomão) foi construído por Salomão, no séc. X a.C. e destruído 410 anos depois, por Nabucodonosor, em 586 a.C.; o segundo templo (templo de Zorobabel), uma reconstrução do primeiro, sob a liderança de Zorobabel, foi dedicado ao Senhor em 516 a. C. e saqueado 347 anos depois, pelos sírios, em 169 a. C.; e o terceiro templo (templo de Herodes), uma reconstrução do segundo templo, sob Herodes, foi iniciado no ano 20 a.C., concluído no ano 64 d. C. e destruído 6 anos depois, pelas tropas do imperador romano Tito, em 70 d. C. Ainda que a arqueóloga Kathleen Kenyon tenha denominado o templo de Herodes como o terceiro templo, essa a terminologia é adotada para referir-se uma construção futura do templo; e a expressão segundo templo inclui tanto o templo de Zorobabel como o de Herodes pela razão de não ter o culto cessado no local (Cook, 2022).

meio do Senhor Jesus Cristo oferecido como holocausto para a purificação do pecado da humanidade.

Esse Jesus é retratado, nos Evangelhos, como o novo templo, aquele em quem a presença de Deus habita plenamente, cumprindo as promessas do Antigo Testamento sobre a restauração do templo. Quando ele, no templo de Jerusalém¹², afirma: "destruam este santuário, e em três dias o levantarei" (Jo 2.19), está fazendo referência a si mesmo, não ao edifício de Jerusalém, conforme nota do próprio autor: "ele falava do templo do seu corpo" (v. 21). Com isso João deixa claro que Jesus apresenta-se, desde aquele momento, como o novo santuário de Deus (cf. Cl 2.9).

Beale (2011, p. 201) conclui: "A destruição e ressurreição do templo em João 2.19-21 simbolizam a morte e ressurreição de Cristo. Ele é o novo templo onde a glória de Deus habita, "o templo para o qual todos os templos anteriores apontavam e do qual eram prefigurações (cf. 2 Sm 7.12-14; Zc 6.12-13)"; é, portanto, "a síntese da presença de Deus na terra como Deus encarnado, continuando, assim, a forma verdadeira do antigo templo, que na verdade prefigurava a presença de Cristo em toda a era do AT" (Beale, 2018, p. 535).

A comunidade cristã entendeu isso com mais clareza após a destruição do templo físico de Jerusalém (70 d.C.)¹³ a tal ponto que suas ideias sobre o templo passaram por transformações conceituais refletindo aquele discurso de Jesus no episódio da purificação do templo (Jo 2.13-21), processo que incluiu os próprios cristãos como santuário de Deus (Hays, 2016, p. 312). O apóstolo Paulo, refletindo esse novo entendimento, concluiu que o cristão é santuário de Deus (1 Co

¹² Esse templo, conhecido como Segundo Templo, iniciado por Herodes o grande, estava sendo construído há 46 anos (cf. Jo 2.20).

¹³ Essa destruição, pelas tropas romanas do general Tito, ocorreu quando a cidade de Jerusalém foi totalmente arrasada no ano 70 d.C. (Segundo Templo, *s./d.*).

3.16-17; 1 Co 6.19; 2 Co 6.16b). Essa afirmação não é uma metáfora paulina, é sua afirmação inspirada pelo santo Espírito: o cristão é "a própria morada de Deus na terra" (Hays, 1997, p. 57).

Beale (2018, p. 541) afirma que é possível que Paulo, nessas passagens, esteja considerando a igreja "um cumprimento real e verdadeiro de várias profecias do templo," as quais já haviam começado a conceber o templo como edifício não físico já no Antigo Testamento. Portanto, afirma, o apóstolo "não está alegorizando nem está apenas fazendo uma analogia entre uma ideia de templo e a dos cristãos; antes, ele está dizendo que os cristãos são de fato o verdadeiro cumprimento inicial da verdadeira profecia do templo dos últimos tempos".

Enfim, ao longo das Escrituras, há uma progressão da revelação sobre o santuário. Do jardim do Éden, em Gênesis (2-3), à cidade-templo mundial, em Apocalipse (21-22), o conceito foi se expandindo de tal forma que o livro de Apocalipse já aponta para uma realidade escatológica altamente ampliada sobre o santuário: a completa habitação de Deus com seu povo na "cidade santa", a "nova Jerusalém", "o novo céu e a nova terra", onde o templo físico já não é necessário, pois a presença de Deus com a humanidade é plena e sem barreiras, cumprindo o propósito eterno de Deus habitar entre os seus.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou que o jardim do Éden é o primeiro jardim e o primeiro santuário no qual a criatura humana e seu Criador mantinham comunhão entre si. Isso foi feito através da pesquisa de autores como Beale (2021), Beale e Kim (2019), Krauss e Küchler (2007), Walton (2016) e outros, sob o levantamento de dados encontrados nas próprias Escrituras do Antigo e do Novo Testamento, na literatura do Antigo Oriente Próximo (AOP), na literatura do Judaísmo etc. que, através de

paralelos conceituais e linguísticos, comprovaram que aquele jardim era, de fato, um santuário.

Demonstrou, também, que o banimento do casal real do santuário primeiro não o excluiu de um relacionamento com Deus, pois novos santuários, mesmo feitos por mãos humanas, se lhe sucederam (altares informais, especialmente aqueles localizados no livro de Gênesis; tabernáculo ou santuário portátil, construído logo após o início do estado de êxodo do povo hebreu em direção à terra de Canaã; e o próprio templo, construído por volta do séc. X a. C.) e que um novo santuário, não feito por mãos humanas, estabeleceu-se entre os homens – o próprio Filho de Deus – e que, com seu sangue, comprou um corpo de santos, santuários que se espalham por todo o mundo para promover a comunhão com Deus – a igreja do Senhor – que, certamente, habitará a cidade-templo vista por João em Apocalipse 21-22.

Esse trajeto do artigo foi feito em três partes: na primeira, o jardim do Éden foi analisado como um santuário; na segunda, foi examinado no espaço do episódio narrado por Moisés em quatro cenas cujos protagonistas foram Deus, o homem e Satanás; e, na última parte, foi discutida a extensão do primeiro santuário para além do Éden: altares informais, santuário portátil ou tabernáculo e templo. Nesta parte, os santuários que se seguiram ao Éden aparecem como aqueles feitos por mãos humanas, porém orientados pelo próprio Deus em sua construção, uso etc.; aparecem, também, como não feitos por mãos humanas, tais como o próprio Filho de Deus, a igreja do Senhor, remida e comprada com o sangue do Cordeiro, o Filho de Deus, e a cidade-templo, "o novo céu e a nova terra", "a cidade santa, a nova Jerusalém".

Enfim, o jardim do Éden foi interpretado como a morada de Deus que se estendeu, mesmo no mundo em situação de queda, por meio de pequenos santuários, do tabernáculo e do templo. Porém, a extensão da morada de Deus

supera o tabernáculo, ultrapassa o templo e, posteriormente, a própria Igreja em toda a sua plenitude; de fato, a morada de Deus abrangerá toda a criação.

É necessário lembrar, também, que os últimos pontos, especialmente o santuário não feito por mãos humanas e a cidade-templo escatológica de Apocalipse 21-22 são temas apenas indicados no artigo; o leitor poderá ver seu desenvolvimento, com mais detalhes descritivos e argumentativos nos autores indicados, especialmente em Beale (2021), Beale e Kim (2019), Santos (2014) e Walton (2016).

REFERÊNCIAS

- BEALE, Gregory K. **A New Testament Biblical Theology: The Unfolding of the Old Testament in the New**. Grand Rapids: Baker Academic, 2011.
- BEALE, Gregory K. **O templo e a missão da igreja: uma teologia bíblica sobre o lugar da habitação de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- BEALE, Gregory K. **Teologia bíblica do Novo Testamento: a continuidade teológica do Antigo Testamento no Novo**. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- BEALE, Gregory K.; KIM, Mitchell. **Deus mora entre nós: a expansão do Éden para os confins da terra**. São Paulo: Loyola, 2019.
- COELHO, Lázara Divina. O jardim do Éden: uma análise de conteúdo em O templo e a missão da igreja, de G. K. Beale. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, Vitória, v. 01, n. 27, 2025.
- COOK, Randall. O templo: sua história e seu futuro. **Teologia Brasileira**, São Paulo, 24 out. 2022. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-templo-sua-historia-e-seu-futuro/>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- GUTHRIE, Nancy. **Ainda melhor que o Éden: nove maneiras através das quais a história da Bíblia muda tudo sobre a sua história**. São José dos Campos: Fiel, 2020.
- HAMILTON, Victor P. **The book of Genesis: chapters 1-17**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1991.
- HAYS, Richard B. **Echoes of Scripture in the Gospels**. Waco: Baylor University Press, 2016.
- HAYS, Richard B. **First Corinthians**. Louisville: John Knox Press, 1997.
- KIDNER, Derek. **Gênesis: introdução e comentário**. 2ª. ed. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1981.
- KRAUSS, Heinrich; KÜCHLER, Max. **As origens: um estudo de Gênesis 1-11**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- SANTOS, Daniel. A plantação da igreja no Éden. **Fides Reformata**, Ano XIX, n. 1, p. 39-59, 2014. Disponível em: <https://l1nq.com/l6Alj>. Acesso em: 18 out. 2025.
- VAN GRONINGEN, Gerard. **Criação e consumação: o reino, a aliança e o mediador**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. v. 1.

Recebido em: 27 abr. 2025 | Publicado em: 12 dez. 2025

WALTON, John H. **O mundo perdido de Adão e Eva: o debate sobre a origem da humanidade e a leitura de Gênesis**. Viçosa: Ultimato, 2016.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário Bíblico Atos: Antigo Testamento**. Belo Horizonte: Editora Atos, 2003.